



A Santa Sé

VISITA À COMUNIDADE JUDAICA DE ROMA

PALAVRAS DO PAPA BENTO XVI

Sinagoga de Roma

Domingo, 17 de Janeiro de 2010

(Vídeo)

«'O Senhor fez por eles grandes coisas'.
Sim, grandes coisas fez por nós o Senhor,
estamos exultantes de alegria» (SI 126/125, 2-3)

«Oh! Como é bom e agradável
viverem os irmãos em harmonia!»(SI 133/132, 1)

*Senhor Rabino-Chefe da Comunidade Judaica de Roma,
Senhor Presidente da União das Comunidades Judaicas Italianas,
Senhor Presidente da Comunidade Judaica de Roma,
Senhores Rabinos,
Ilustres Autoridades,
Caros amigos e irmãos,*

1. Os Salmos, que ouvimos ao início deste nosso encontro no Templo Maior dos Judeus de Roma, sugerem-nos a atitude espiritual mais autêntica para vivermos este particular e feliz momento de graça: o louvor ao Senhor, que fez grandes coisas por nós e aqui nos reuniu pelo seu *Hèsed*, seu amor misericordioso, e o agradecimento por nos ter concedido o dom de nos juntarmos para tornar mais firmes os laços que nos unem e prosseguir pelo caminho da reconciliação e da fraternidade. Antes de tudo, desejo expressar a minha viva gratidão a Vossa Excelência, Rabino-Chefe, Doutor Riccardo Di Segni, pelo convite feito e pelas significativas

palavras que me dirigiu. Depois, agradeço aos Presidentes da União das Comunidades Judaicas Italianas, Advogado Renzo Gattegna, e da Comunidade Judaica de Roma, Senhor Riccardo Pacifici, as amáveis expressões com que quiseram saudar-me. Dirijo a minha saudação às Autoridades e a todos os presentes, com menção particular à Comunidade judaica romana e a quantos colaboraram para tornar possível o momento de encontro e de amizade que estamos a viver.

Há quase vinte e quatro anos, quando veio aqui encontrar-vos pela primeira vez como cristão e como Papa, o meu venerado Predecessor João Paulo II quis prestar uma contribuição decisiva para a consolidação das boas relações entre as nossas comunidades, superando qualquer incompreensão e preconceito. Esta minha visita insere-se no caminho por ele traçado, para o confirmar e reforçar. É com sentimentos de profunda cordialidade que me encontro no meio de vós para vos manifestar a estima e o afecto que o Bispo e a Igreja de Roma, assim como toda a Igreja Católica, nutrem por esta Comunidade e pelas Comunidades judaicas espalhadas pelo mundo.

2. A doutrina do Concílio Vaticano II tornou-se para os católicos um ponto firme ao qual fazem referência constante na atitude e nas relações com o povo judeu, marcando uma etapa nova e significativa. O acontecimento conciliar deu um impulso decisivo no compromisso de se percorrer irrevogavelmente um caminho de diálogo, fraternidade e amizade; caminho este que se tem aprofundado e desenvolvido ao longo destes quarenta anos através de passos e gestos importantes e significativos, entre os quais desejo mencionar novamente a histórica visita feita a este lugar pelo meu Venerável Predecessor em 13 de Abril de 1986, os numerosos encontros que ele teve com Representantes judeus nomeadamente durante as Viagens Apostólicas internacionais, a [peregrinação jubilar à Terra Santa no ano 2000](#), os documentos da Santa Sé que, na sequência da Declaração *Nostra aetate*, deram orientações preciosas para um desenvolvimento positivo nas relações entre católicos e judeus. Também eu, nestes anos de Pontificado, quis mostrar a minha solidariedade e estima pelo povo da Aliança. No coração, guardo viva lembrança de todos os momentos da [peregrinação que tive a alegria de realizar à Terra Santa em Maio do ano passado](#), assim como dos numerosos encontros com Comunidades e Organizações judaicas, de maneira particular nas sinagogas de [Colónia](#) e [Nova Iorque](#).

Além disso, a Igreja não tem deixado de deplorar as faltas de seus filhos e filhas, pedindo perdão por tudo aquilo que pôde de alguma maneira favorecer as chagas do anti-semitismo e do antijudaísmo (cf. [Comissão para as Relações Religiosas com o Judaísmo](#), *Nós recordamos: uma reflexão sobre o Shoah*, 16 de Março de 1998). Possam estas chagas ficar curadas para sempre! Volta à mente a sentida [oração do Papa João Paulo II no Muro do Templo de Jerusalém, a 26 de Março de 2000](#), que ressoa, verdadeira e sincera, no mais fundo do nosso coração: "*Deus dos nossos pais, Vós escolhestes Abraão e a sua descendência para levarem o vosso Nome aos gentios: sentimos profundamente consternados pelo comportamento de quantos, no decurso da história, fizeram sofrer estes vossos filhos e, pedindo-Vos perdão, queremos empenhar-nos*

numa fraternidade autêntica com o povo da Aliança".

3. O transcorrer do tempo permite-nos reconhecer no século XX uma época verdadeiramente trágica para a humanidade: guerras sangrentas que semearam destruição, morte e dor, como nunca tinha acontecido antes; ideologias terríveis, que tiveram na sua raiz a idolatria do homem, da raça, do Estado, e que levaram mais uma vez o irmão a matar o irmão. O drama singular e impressionante do Shoah constitui, de certa maneira, o ápice de um caminho de ódio que nasce quando o homem se esquece do seu Criador e se coloca a si mesmo no centro do universo. Como disse na visita de 28 de Maio de 2006 ao campo de concentração de Auschwitz, ainda profundamente gravada na minha memória, "os poderosos do Terceiro Reich queriam esmagar o povo judeu na sua totalidade" e, no fundo, "com a aniquilação deste povo, pretendiam matar aquele Deus que chamou Abraão e que, falando no Sinai, estabeleceu os critérios orientadores da humanidade, que permanecem válidos para sempre" (Discurso no Campo de Auschwitz-Birkenau: "Insegnamenti di Benedetto XVI", II, 1 [2006], pág. 727).

Neste lugar, como não recordar os judeus romanos que foram arrancados destas casas, diante destes muros e horrorosamente mortos em Auschwitz? Como é possível esquecer os seus rostos, os seus nomes, as lágrimas e o desespero de homens, mulheres e crianças? O extermínio do povo da Aliança de Moisés primeiro anunciado e depois programado e realizado de forma sistemática na Europa, sob o domínio nazista naquele dia atingiu tragicamente também Roma. Muitos, infelizmente, ficaram indiferentes; mas muitos outros, mesmo entre os católicos italianos, sustentados pela fé e pela doutrina cristã, reagiram com coragem, abrindo os braços para socorrer os judeus acossados e fugitivos, muitas vezes com risco da própria vida, sendo dignos de perene gratidão. Também a Sé Apostólica desenvolveu obra de socorro, frequentemente escondida e discreta.

A memória destes acontecimentos deve impelir-nos a fortalecer os laços que nos unem, para que a compreensão, o respeito e o acolhimento cresçam cada vez mais.

4. A nossa solidariedade e fraternidade espirituais encontram na Bíblia Sagrada – em hebraico *Sifre Qodesh*, ou "Livros de Santidade" – o fundamento mais sólido e perene, com base no qual somos postos constantemente perante as nossas raízes comuns, a história e o rico património que compartilhamos. É perscrutando o seu próprio mistério que a Igreja, Povo de Deus da Nova Aliança, descobre o seu vínculo profundo com os judeus, os primeiros de todos a ser escolhidos pelo Senhor para acolherem a sua palavra (cf. Catecismo da Igreja Católica, n. 839).

"Diversamente das outras religiões não cristãs, a fé judaica é já uma resposta à revelação de Deus na Antiga Aliança. É ao povo judeu que "pertencem a adopção filial, a glória, as alianças, a legislação, o culto, as promessas [...] e os patriarcas; desse povo Cristo nasceu segundo a carne" (*Rm* 9, 4-5), porque "os dons e o chamamento de Deus são irrevogáveis" (*Rm* 11, 29)" (Catecismo da Igreja Católica, n. 839).

5. Numerosas são as possíveis implicações que derivam da herança comum recebida da Lei e dos Profetas. Gostaria de recordar algumas: em primeiro lugar, a solidariedade que une a Igreja e o povo judeu "a nível da sua própria identidade" espiritual e que oferece aos cristãos a oportunidade de promover "um renovado respeito pela interpretação hebraica do Antigo Testamento" (cf. Pontifícia Comissão Bíblica, *O povo judeu e as suas Sagradas Escrituras na Bíblia cristã*, 2001, págs. 12 e 55); a centralidade do Decálogo como mensagem ética comum de valor perene para Israel, para a Igreja, para os não-crentes e para a humanidade inteira; o compromisso de preparar ou realizar o Reino do Altíssimo no "cuidado da criação" confiada por Deus ao homem para que a cultive e guarde responsabilmente (cf. *Gn 2, 15*).

6. Em particular, o Decálogo – as "Dez Palavras" ou Dez Mandamentos (cf. *Êx 20, 1-17; Dt 5, 1-21*) – que provém da *Torah* de Moisés, constitui a chama da ética, da esperança e do diálogo, a estrela polar da fé e da moral do povo de Deus, e ilumina e guia também o caminho dos cristãos. Constitui um farol e uma norma de vida na justiça e no amor, um "grande código" ético para toda a humanidade. As "Dez Palavras" lançam luz sobre o bem e o mal, sobre o verdadeiro e o falso, sobre o justo e o injusto, mesmo segundo os critérios da consciência recta de cada pessoa humana. O próprio Jesus repetiu-o várias vezes, ressaltando que é necessário um compromisso operoso no caminho dos Mandamentos: "Se queres entrar na vida eterna, cumpre os mandamentos" (*Mt 19, 17*). Nesta perspectiva, são vários os campos de colaboração e de testemunho. Gostaria de recordar três deles, particularmente importantes para o nosso tempo.

As "Dez Palavras" pedem que se reconheça o único Senhor, contra a tentação de se construir outros ídolos, de se fazer falsos bezerros de ouro. No nosso mundo, muitos não conhecem Deus ou consideram-No supérfluo, sem relevância para a vida; assim foram fabricados novos deuses, aos quais o homem se inclina. Despertar na nossa sociedade a abertura à dimensão transcendente, dar testemunho do único Deus é um serviço precioso que judeus e cristãos podem e devem prestar juntos.

As "Dez Palavras" pedem o respeito, a protecção da vida contra toda a injustiça e prepotência, reconhecendo o valor de cada pessoa humana, criada à imagem e semelhança de Deus. Quantas vezes, nas diversas regiões da terra, ao perto e ao longe, são ainda espezinhadas a dignidade, a liberdade, os direitos do ser humano! Testemunhar juntos o valor supremo da vida contra todo o egoísmo é dar um contributo importante para um mundo onde reinem a justiça e a paz, aquele "shalom" desejado pelos legisladores, pelos profetas e pelos sábios de Israel.

As "Dez Palavras" pedem que se conserve e promova a santidade da família, em que o "sim" pessoal e recíproco, fiel e definitivo do homem e da mulher, desvenda o horizonte para o futuro, para a humanidade autêntica de cada um, e ao mesmo tempo se abre para o dom de uma nova vida. Testemunhar que a família continua a ser a célula essencial da sociedade e o contexto de base onde se aprendem e praticam as virtudes humanas é um serviço precioso que se há-de oferecer para a construção de um mundo com um rosto mais humano.

7. Como ensina Moisés no *Shemà* (cf. *Dt* 6, 5; *Lv* 19, 34) – e Jesus reafirma no Evangelho (cf. *Mt* 22, 37-40) – todos os mandamentos se resumem no amor a Deus e na misericórdia pelo próximo. Tal Regra compromete judeus e cristãos a exercerem, no nosso tempo, uma generosidade especial para com os pobres, as mulheres, as crianças, os estrangeiros, os doentes, os débeis, os necessitados. Na tradição judaica, há um dito admirável dos Padres de Israel: "Simão, o Justo, costumava dizer: O mundo funda-se sobre três coisas: a *Torah*, o culto e os gestos de misericórdia" (*Aboth* 1, 2). Com o exercício da justiça e da misericórdia, judeus e cristãos são chamados a anunciar e a dar testemunho do Reino do Altíssimo que há-de vir, e pelo qual rezamos e trabalhamos cada dia na esperança.

8. Nesta direcção, podemos realizar passos em conjunto, conscientes das diferenças que existem entre nós, mas também do facto que, se conseguirmos unir os nossos corações e as nossas mãos para responder ao chamamento do Senhor, a sua luz tornar-se-á mais próxima para iluminar todos os povos da terra. Os passos cumpridos nestes quarenta anos pelo Comité Internacional conjunto católico-judaico e, nos anos mais recentes, pela Comissão Mista da Santa Sé e do Grão-Rabinato de Israel são um sinal da vontade comum de continuar um diálogo aberto e sincero. Precisamente amanhã a Comissão Mista realizará aqui, em Roma, o seu IX encontro tendo por tema "O ensinamento católico e judaico sobre a criação e o meio ambiente"; desejamos-lhes um diálogo profícuo sobre um tema tão importante e actual.

9. Cristãos e judeus possuem uma grande parte de património espiritual em comum, rezam ao mesmo Senhor, têm as mesmas raízes, mas muitas vezes ignoram-se uns aos outros. Compete a nós em obediência ao chamamento de Deus trabalhar a fim de que permaneça sempre aberto o espaço do diálogo, do respeito recíproco, do crescimento na amizade, do testemunho comum diante dos desafios do nosso tempo, que nos convidam a colaborar para o bem da humanidade neste mundo criado por Deus, o Onnipotente e o Misericordioso.

10. Enfim, uma saudação particular para esta nossa Cidade de Roma onde, há cerca de dois milénios convivem como disse o Papa João Paulo II a Comunidade católica com o seu Bispo e a Comunidade judaica com o seu Rabino-Chefe; possa este viver juntos ser animado por um crescente amor fraterno, que se exprima também numa cooperação cada vez mais estreita a fim de prestar uma válida contribuição para a solução dos problemas e dificuldades a enfrentar.

Do Senhor invoco o precioso dom da paz para todo o mundo, mas sobretudo para a Terra Santa. Na minha peregrinação de Maio passado, em Jerusalém, junto do Muro do Templo, pedi Àquele que tudo pode: "Enviai a vossa paz sobre esta Terra Santa, sobre o Médio Oriente e sobre toda a família humana; estimulai os corações de todos aqueles que invocam o vosso nome, a percorrer humildemente o caminho da justiça e da compaixão" (*Oração no Muro Ocidental de Jerusalém*, 12 de Maio de 2009).

Elevo novamente para Ele o agradecimento e o louvor por este nosso encontro, pedindo-Lhe que

reforce a nossa fraternidade e torne mais sólido o nosso entendimento.

1 אֲתֵּיְהוֹה כָּל־גּוֹיִם שִׁבְחוּהוּ כָּל־הָאֲמִים :
 2 כִּי גָבַר עָלֵינוּ חַסְדּוֹ וְאַמֶּת־יְהוֹה לְעוֹלָם
 תְּלַל־יְהוָה :

*[Louvai o Senhor, todas as nações,
 aclamai-O, todos os povos.
 É firme a sua misericórdia
 para conosco, a fidelidade do Senhor
 permanece para sempre.
 Aleluia! (Sl 117/116)]*

© Copyright 2010 - Libreria Editrice Vaticana

Copyright © Dicastero per la Comunicazione - Libreria Editrice Vaticana